



HENRIQUETA BEECHER STOWE.

MISTRESS HENRIQUETA BEECHER STOWE, auctora da famosa novella, (lida com enthusiasmo, e traduzida em quasi todas as linguas cultas) que se intitula *A Cabana do pae Thomás*, pertence a uma das mais distinctas familias dos Estados Unidos. O doutor Lyman Beecher, seu pae, é um velho venerando, e o patriarcha dos ministros da congregação norte-americana. Seus cinco filhos, tornam-se todos notaveis pela sua illustração, generosos sentimentos, e valiosos serviços que têm prestado á causa da verdadeira civilisação; e um delles (Henrique) é dos mais populares oradores dos Estados Unidos, e por ventura um dos mais energicos argumentadores que se conhecem.

A nossa illustre auctora nasceu em Nova Inglaterra, e foi educada no seio de uma sociedade que ainda não desmerecera os costumes puros e severos dos descendentes dos puritanos.

Da obscura aldêa onde viveu os primeiros annos passou a Boston, a Athenas da grande republica fundada por Washington. Pouco depois acompanhou a sua familia para o Ohio, onde o doutor Lyman Bee-

cher tinha sido chamado á regencia de uma cadeira de theologia.

Do estado do Ohio passou ao de Kentucky, dedicando-se ao ensino por alguns annos. No regresso do Kentucky casou com um honrado professor, mr. Stowe; e como este tivesse de occupar uma cadeira de litteratura biblica, em uma das faculdades de theologia de Nova Inglaterra, fixou a sua residencia em Nova Brunswick.

Mistress Henriqueta gosava de bem fundada reputação litteraria, pelos escriptos que publicára em alguns dos mais acreditados jornaes americanos, quando a *Cabana do pae Thomás* veio collocar-a entre as primeiras celebridades contemporaneas.

Mistress Henriqueta propoz-se na sua obra preparar a emancipação da infeliz raça negra. E de feito não podia defender causa mais santa: a situação moral dos negros, condemnados á escravidão e á bruteza, é uma vergonha no meio do mundo civilizado, e da Europa christã!

Mistress Stowe acha-se actualmente em Inglaterra, onde foi recebida com grandes e merecidas ovações.

Annuncia-se a publicação de uma outra obra que se diz não ser inferior á primeira: — *A chave da cabana do paç Thomás*.

Em portuguez correm já duas versões da *Cabana do paç Thomás*, cuja leitura recommendámos áquelles que não conhecerem a lingua ingleza.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto.  
Valha a desculpa, se não vale o canto!

IV.

Novo Lucilio, comprazia o orgulho em attestar com ufania as qualidades de repentista; e o nobre poeta Bocage, cego pelos applausos e escravo de elogios anciosamente requestados, deixava a lima com impaciencia, e levantava a mão de obras meditadas para correr atraz da veia impetuosa. No dom de improvisar, presente funesto a alguns respeitos, viu a gloria, e creu de leve, que a immortalidade lhe era concedida; julgou que a existencia quasi vã de ephemeros cantos, resistiria ao tempo como as paginas, que o amor da arte assaga nas vigílias. Cuidou que as aclamações do amphitheatro anticipavam a saudação da posteridade, e que as explosões do estro, ardendo sobre si, igualavam aquella pura luz que esclarece até ao futuro mais remoto, sempre viva e sempre brilhante, os monumentos de Homero e de Virgilio. Quando, arrebatado em fogosos devaneios, subjugava os auditorios, e fazia curvar o joelho aos emulos rendidos, tomava a demencia divina do vate pelo poder do genio, que transcende as idades, e a cada geração, que passa, arranca uma palma e um grito de assombro!

Ignas canções brotei co'um Deus na mente!

exclama descrevendo as luctas, em que das regiões terrestres se algava a roubar a fálsea celeste em arrojões magníficos; mas porque olvidou elle, que estes clarões fugazes, deslumbrando ouvintes ebrios como o cantor, não brilha, senão momentos? Porque suppoz, que a inspiração abrazada e febricitante era mais de que um sonho, que a fria razão eugeita e que a tradição apenas memora durante annos, até deixar cair nas sombras um nome que se apaga para sempre? N'esses momentos de enthusiasmo louco, em que o gosto não consulta, e a reflexão foge quasi envergonhada, está o esforço e o fingimento do bello, mas não está o bello no seu typo duravel e eterno. A harmonia do som engana só em quanto seduz o ouvido; mas passe da voz á estampa, e as impurezas do primeiro jacto hão de rever a aberração e a deformidade, hão de mostrar o fructo imperfecto e sem a dogura da maturidade. Que importa, que as graças amem aqui e ali um pensamento feliz, um rasgo audaz? A unidade falta, a correção não lhe realça as galas. O improvisador não cabe na arte, e a arte só o conhece como a um filho prodigo. Dos thesouros que lhe tinha confiado não prodigalisou ao vento em melodias casuaes dotes e riquezas preciosas? A' força de ser violentado, o ingenho vingase substituindo a hyperbole e a harmonia mechanica á sublimidade e á nobreza do estylo: e as musas delicadas não corôam senão aquelles, que as amaram por si mesmas, e cujo ardor é casto e perseverante. Por fortuna Bocage foi mais do que um repentista. Sem

isso qual seria hoje o logar do imitador de Ovidio na poesia nacional?

Fui cysne junto a cysne, e dei taes vóos  
Que as azas do improviso os céus roçaram.

Repete elle. Os homens do seu tempo asseguram que era assim: Mas o que sobreviveu d'esses rasgos inspirados:

Nas promptas reflexões do enthusiasmo?

O que chegou até nós d'essa chamma divina, fascinação poderosa do repentista sobre os auditorios, quando absorto elle, e electrizados todos, realisava a imagem que de si mesmo traça no prologo das Plantas?

Sinto no coração, na voz, na mente,  
Tropel de affectos, borbotões de idéas,  
E eis o Deus! eis o Deus! exclamo, e vóo  
De repente onde mil não vão d'espago!

Alguns versos conservados pela religião da amisade, alguns sonetos filhos espurios da embriaguez poetica, recolhidos pela memoria, adoptados pelo amor proprio, e purificados pela reflexão!

O peor dos effeitos d'esta rara faculdade, de que Elmano tanto usou e abusou depois, foi a imitação de copistas sem talento. Exagerando os lapsos e as temeridades do mestre cuidaram que assim se igualava a sua estatura. A audacia pueril das hyperboles e inversões, quiz debalde attingir o arrojão epico da locução, que era o *eu* de Bocage, a sua força e o seu segredo. A empresa excedia as posses dos que a tentavam. Caíram; mas esfragando o gosto, e convertendo em parodia o grande estylo, que sabia vulgarisar a poesia sem a abater da necessaria elevação.

De certo ainda ficaram representantes d'esse tempo e d'essa escola, que até aos nossos dias a honraram pela tradição e saudade do fundador. Seria injusto condemnar sem exame tantos versos correctos e suaves, que viram a luz durante a carreira esplendida de Bocage, e depois d'ella fada. Mas quem herdou a harmonia e a magestade do seu metro? Quem possuiu como elle o dom de engrandecer os assumptos, infundindo na phrase e na imagem a vida e o fogo, que as suas respiravam? Que repentistas, (morto elle) se apontam, amando na poesia a inspiração e no ingenho o estro — aves melodiosas a quem servisse qualquer ramo para trinarem os gorgeios?

E já tempo de passarmos porém ao quadro da guerra dos vates. As victimas de Elmano não são menos illustrés nem menos numerosas, do que as do critico Boileau. Sem se arrogar a auctoridade de legislador do Parnaso, Manuel Maria exerceu de vontade e poder absoluto, pelo terror da satyra, um imperio despotico, e uma influencia incontestavel. O ciúme dos emulos, a inveja dos inferiores, e a sua propria vaidade irritada, concorreram diversas vezes para excitar a indignação dos immortaes no meio dos sorrisos das Hebes, e do nectar do Olympo.

Refregas longas, combates singulares, e tiroteios de epigrammas enchem a tela d'estes conflictos a cada passo renovados; e deve-se reconhecer, que Elmano, se pela ousadia da provocação e pela petulancia do orgulho desafiava as iras, chegada a hora de manter o posto, sabia fazer do sceptro de ouro uma clava, e do verso uma lança magica. Poucos dos contemporaneos saíram illesos do seu encontro. Raro será aquelle, a quem não ferisse no amor proprio o dardo satyrico do adversario do padre Macedo. Mas

o supplicio d'este ultimo, e a celebridade da Nemesis que o puniu, foram o exemplo fulminante do alcance que podia ter o raio nas mãos de Elmano.

Uma vista rapida d'estas scenas da vida litteraria nos principios do seculo 19.<sup>o</sup>, e o esboço dos personagens mais influentes na sociedade poetica, não parecerá por tanto inutil em um estudo, cujo assumpto é o grande vulto de Bocage. Será esse pois o objecto do capitulo immediato.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XVII.

#### A maldição.

Como todos os que meditam uma acção má a irmã de D. Martim oppunha ás palavras de paz a linguagem vehemente e o sofisma, que o crime nunca deixa de empregar. O que se passa no mais recondito da consciencia entre as paixões e o remorso, entre o anjo do bem e o anjo do mal; as razões que se pleiteiam; as desculpas que se offerecem; essa apparencia de razão e de necessidade, que o vicio e o erro nunca se esquecem de invocar diante da virtude e da justiça, eram os pretextos com que D. Maria procurava justificar o assassinio premeditado.

Fr. Munio viu que não tinha de combater um impulso rapido e incoherente; mas uma resolução fria e assentada. A causa fôra discutida no coração e no cerebro antes de sentenciada. Quanto elle podia dizer já tinha sido dito de balde. E seria conhecer bem pouco o character de Maria Paes o acreditar que ella desistiria de uma decisão tomada á custa de grandes luctas: para qualquer se despenhar no abysmo padece agonias peiores ás vezes, que a dôr da victima sacrificada. O monge de Cister entendeu para a abalar que devia levar pelo orgulho a mulher que não se vencia pela brandura. Era um plano habil. Se alguma cousa ainda a podia convencer de certo era a voz, que lhe fallasse em nome da paixão mais viva da sua alma.

— «E não adivinhastes ainda a causa?» insinuou elle com dogura; «o amor foi o culpado...»

— «O amor que o salve.»

— «E se tivesse fé?»

— «Encarregou-te de m'ó dizeres!» atudiu ella com alegria e precipitação. O frade pediu perdão a Deus da mentira que ia dizer.

— «E se fosse elle!... Se molhasse das lagrimas do arrependimento a mão que lhe estenderam e repelliu na cegueira da sua dôr?»

— «Era tarde.»

— «Pois se vos pedissem?...»

— «Respondia o que me responderam: Não!»

— «Pelo céu, D. Maria, perdoa para que Deus te perdoe tambem.»

— «Silencio!» bradou ella. «Ouvi.»

Na capella uma voz tremula, que a irmã de D. Martim conheceu ser a do velho abbade de Santa Olaia, perguntava:

— «Mancebo, estás arrependido? Não levas des-

te mundo mais que o pezar de ter offendido a Deus?...»

— «Não, padre!... É só o que levo, e a saudade de pae e o amor de irmão.»

— «E perdoas a todos os que te offenderam?»

Houve uma pausa longa antes de se ouvir a resposta. D. Maria involuntariamente se aproximou da porta que dava sobre a escada, e encostando-se ao umbral, pallida como a morte, escutou com attenção. Fr. Munio ficou de braços cruzados no sitio em que se achava, verdadeira estatua da amargura. O que seguiu, fez correr pela testa da dama de Lanhoso o suor frio da angustia, e pelo corpo do frade um repellão de terror.

— «Perdoar, padre?!» replicou Gomes Lourenço decorridos alguns minutos. «Deus que lhes perdoe; eu não.»

— «Filho, a vingança fecha as portas do céu. Que importa que não leves as mãos tintas de sangue, se desce contigo á sepultura como um cancro dentro do coração.»

— «Não é a morte que peço a Deus para ella, padre; a morte consola. Peço-lhe uma expiação amarga como o calix de fel, que essa mulher me deu a beber.»

Outra pausa succedeu a estas palavras. D. Maria não disse nada, mas olhou para Fr. Munio. Aquella vista queria dizer: «Vê como elle ama!»

— «A morte não, meu Deus, a morte não a peço eu para ella,» proseguiu o mancebo em voz alta, triste e solemne. «Se o clamor do sangue innocente, como dizem, chega aos vossos ouvidos e exalta a oração dos que choram por justiça, escutae a minha e abençoa-a, Senhor!»

— «Filho, não invoques em vão o nome de Deus!» bradava o abbade.

— «Castigo do céu!» murmurava em cima Fr. Munio.

— «A' mulher, que trahiou o amor da minha alma, a maldição que lhe rogo de dentro da sepultura é que Deus lhe alargue a vida, e a sacie de dores como ella me saciou a mim. Possa murchar-se a formosura, que me perdeu, com o halito do sepulchro, aonde estejam os que mais tiver amado; antes da velhice seque-se-lhe o coração na aridez da desesperação. A' força de chorar apague-se-lhe para sempre a luz dos olhos; e fiquem em trevas a alma e o corpo! Os filhos de seus filhos reheguem diante della o sangue que os gerou; e o seu amor seja a ruina de quantos abençoar.»

— «Filho, filho, não digas mais!...» soluçava o abbade cheio de terror.

— «Durante as noutes sem repouso,» proseguiu o cavalleiro de Salzedas, «possa o remorso repetir-lhe na solidão estas ultimas palavras de um moribundo: «Fizeste meu filho orphão, orphã sejas tu dos teus. Tornaste desgraçado a quem te amou, nunca mais conheças a alegria. Separaste o irmão do irmão, chora em breve sobre o cadaver do unico que te restar... Morta para tudo dê-te Deus só existencia para a dôr. O pranto e a saudade sejam os companheiros inseparaveis do teu desterro. A morte pedida por ti a Deus como allivio, cortando em flôr o que mais amares, passe sem se abrandar e deixe-te viver!... Acabei com as cousas da terra; fallae-me agora do céu, meu padre!»

Apenas acabou de resoar esta imprecação seguiu-se mortal silencio. A proximidade da morte dava ás palavras de Gomes Lourenço um character quasi prophetic. Fr. Munio ajoelhou, e com a face em terra, principiou a orar. D. Maria com a mão unida ao peito apertava-o para que não rebentasse com

o pulsar do coração. Vê-la, e vê o vulto silencioso do desespero, era o mesmo. Consternada e vergando ao brado intimo da consciencia, gelou-se-lhe o sorriso, que ao principio correu nos beiços. Como se fosse petrificado de repente o escarneo ficou na boca immovel, em quanto a ancia confrangia as mais feições, e o suor da angustia inundava a fronte. Era porém um espirito vigoroso e um caracter d'aço. Dobrou, mas tornou a erguer-se. De novo se retractaram no seu rosto as paixões e a vontade firme de as satisfazer.

Olhando com piedade para o monge ajoelhado, na voz com que lhe fallou não seria facil perceber a menor tremura. «Que faz ainda aqui o santo e devoto monge de Cister?» exclamou ella. «Quando o peccador se endurece, e os deveres da religião o chamam a outra parte, está longe do seu lugar?»

O frade estremeceu, não da reprehensão injusta, mas do tom motejador com que foi dita. Poz-se de pé; e o semblante mostrava que não podia comprehender que em um peito de mulher coubessem tanto valor e instinctos tão serenos. D. Maria era grande no crime, porque nascêra para ser grande na virtude.

— «Deus se compadeça do que morre!» acudiu elle em voz submissa. «Para vós é que eu peço arrependimento e salvação; para vós que estaes condemnada, se não aproveitardes os momentos.»

— «E quem é o juiz?» redarguiu ella com fingida admiração. «Sois acaso embaixador e legado do Senhor dos imperios junto a esta humilde peccadora? Fallaes como se não vos faltasse mais do que despedir o raio!»

— «Fallo em nome do céu, mulher orgulhosa. Em nome de Christo, de quem o fumo do sangue derramado desviará de ti a face e o perdão. Ainda uma vez; tens na tua mão a vida de um homem, a vida do corpo e a da alma. Abre-a; e o cutello alevantado não corta! . . .»

— «Se tivesse, fechava-a com vezes.»

— «Peito de tigre!» clamou o frade quasi louco de magoa. «Não sabes que o espirito diante da eternidade se despega dos limos da carne, e que os olhos, que deixaram de vêr na terra, se abrem sobre a immensidade do futuro? Mulher, por teu irmão, arreda de cima da cabeça as maldições do moribundo. Cá dentro sinto que hão-de cumprir-se.»

— «Temores de creanças, velho! Nunca tive medo.»

— «A cholera d'el-rei . . .»

— «Não resuscita os mortos.»

— «O remorso?!»

— «E' uma illusão como outras.»

— «Olha que vem tarde o arrependimento . . .»

— «Arrependem-se os fracos, os fortes nunca!»

Fr. Munio tornou a ajoelhar, e desta vez foi diante della. Chorava aquelle velho austero, que nos combates não desfallecera, que nos rigores da penitencia, mal nascia um desejo, apenas sonhava um affecto mundano, rasgava o peito com os espinhos da maceração, e arrastava a cabeça nas cinzas da humildade. Chorava como uma creança. O coração nunca lhe vertêra tanto sangue como agora; estimava esta mulher; admirava nella o vigor, a energia, a indole viril; e via-a perdida e despenhada.

No peito morto para as paixões do seculo uma voz, um instincto, mais talvez, um affecto irresistivel, inclinavam-no para uma raça, cujos crimes não podiam deixar de acordar a justiça de Deus. A razão desta sympathia, ou antes amizade, como toda a sua passada existencia, era um segredo profundamente guardado debaixo da lousa, em que enterrara á porta da clausura o nome, a gloria e a esperança.

— «Sou um pobre monge,» disse em tom repassado de sinceros prantos; «mas a estas mãos desce o rei dos reis no sacrificio incruento. Com a bôca risonha e sem tristeza levo por este valle de lagrimas a minha cruz; e Deus sabe se é pezada, e se das vezes que tenho caído os joelhos escorrem sangue! . . . Nunca me prostrei a homem nenhum; ministro do maior dos senhores, não por orgulho, mas por dever, fallei verdade a todos como a ensinou Christo, e eu a entendo. . . E estou aqui agora beijando a terra que pizas! Ouve-me, escuta-me D. Maria, pelas dores da paixão! . . . Aquelle mancebo padece por amor de ti. A sua alma morreu já; e as feridas do corpo dão-lhe a paz do tumulo. Hontem era rico, invejado, nobre; hoje o que tem de seu? Três respirações curtas; o lençol da sepultura; e sete palmos de terra para se enterrar. Perdoa, D. Maria, perdoa, se queres viver feliz. Nunca tu saibas (oh nunca!) o que é não cerrar os olhos nas agonias da noite, sem acordar sentindo sobre o peito a pedra de um sepulchro e a mão da victima que peza a eternidade.»

— «Padre, não deveis, não podeis estar assim. . .»

— «Devo; não é o sacerdote, mas o peccador, quem se humilha e diz: — «Não me levanto se não perdoas!»

— «Padre! . . .»

— «Aprende comigo, D. Maria. O que vou revelar-te ninguem o sabe no mundo. Fui homicida; provei d'esse veneno, d'esse deleite chamado vingança. Cruel e inflexivel paguei a injuria com affrontas; a morte com a morte. . . Amei! E a mulher que amava precipitou-a o ciume d'outro na sepultura. Esqueci-me de que havia Deus; e vinguei-me. Depois!» aqui abaixou a voz, e com um terror mysterioso accrescentou, «depois começou o martyrio. São vinte annos de penitencia; e o sangue vivo não se apaga, vejo-o como na hora em que me saltou ao rosto. Não sabes? de noite o remorso abre aquella cova; e saem della as visões do crime. Que terrivel brado é o do sangue atraz do assassino! . . . O coração não socega; a vida cança; e a morte tremese della, a morte faz horror. Sei-o de experiencia, eu que tenho envelhecido a pedir perdão a Deus sem elle me attender. Compadeceste-te? Choras?! . . . Abençoada seja a hora em que a misericordia entra na tua alma! . . .»

— «Oh, padre!»

— «Perdoas, esqueces?!»

— «Não!»

Longo e horrendo silencio succedeu a esta decisão, ultima e irrevogavel. Dando-a, Maria Paes sentiu que para sempre quebrava com Deus e com os homens. Ouvindo-a, o monge conheceu que tudo se acabara; e que insistir seria aviltar a dignidade do seu ministerio aos pés do orgulho. Erecto e ameaçador, o frade fulminou-a com os olhos reluzentes. Com a mão erguida e tremula das commoções interiores parecia que tirava uma espada, e que a ia ferir.

— «Adeus, mulher implacavel! O clamor do sangue, que derramas, será até ao ultimo dia da vida o teu algoz eterno.»

E saiu sem virar a cabeça. D. Maria assentou-se na cadeira de ebano esculpido, e permaneceu largo espaço abysmada em sombrias meditações. De repente a toada de um cantico triste e religioso entrou pelo apozento, e arrancou-a ás suas reflexões. Applicando o ouvido percebeu distinctamente as orações, que se costumavam rezar no leito d'agonia, vestindo o habito da penitencia ao moribundo.

(Continúa.)



O PAPA SYLVESTRE II. (GERBERTO)

Este homem celebre nasceu no anno 920 em Belliac, aldêa não mui longe da cidade de Aurillac, no Auvergne. Filho de um pobre lavrador, Gerberto foi na sua infancia guardador de gado. Ninguém então poderia suppôr que aquelle inculto filho das montanhas, depois de ter passado por todas as vicissitudes da vida humana, se havia de distinguir no throno pontifical pelas suas virtudes evangelicas e pela superioridade do seu genio.

Entretanto Gerberto, como o Giotto depois, bem cedo revelou a sua vocação, que não era a de Cimabue, mas a de Ctesibius de Alexandria, ou de Cassiodoro, o celebre secretario de Theorico. Com effeito Gerberto, durante uma parte das noites, nas montanhas do Auvergne, estudava o movimento dos astros, traçava na arêa ou em uma pedra a figura das mais brilhantes constellações, e marcava o logar que cada uma occupava no estellante espaço.

Esta vida contemplativa e estudiosa do moço pastor lhe fez em breve conhecer alguns segredos astronomicos, cujo numero bem quizera augmentar; mas na aldêa em que vivia ninguem estava nas circumstancias de lhe dar lições; e por isso permaneceria

em sua ignorancia, se uma casualidade providencial que decidiu do seu futuro, o não lançasse no mundo que sonhára.

Raymundo, escolar do convento de S. Giraldo de Aurillac, em uma das suas excursões pelos arrabaldes d'esta cidade, teve occasião de conversar o joven pastor; e encontrando n'elle uma intelligencia precoce, quiz encarregar-se da sua educação, admitindo-o entre os noviços do convento.

Eis pois Gerberto feito monge, e em situação de poder entregar-se como os seus irmãos no claustro aos seus predilectos estudos. Trabalhou com fervor, e os progressos que fez foram tão rapidos, que em poucos annos tornou-se o mais instruido discipulo dos reverendos padres de S. Giraldo. Mas a erudição que adquirira era para elle apenas preparatorio; a sua ardente imaginação fazia-lhe antevêr horisontes scientificos muito mais vastos, e consumia-o o ardente desejo de levar os seus estudos aos ultimos limites do possivel.

Por esta occasião veio Borel, conde de Barcelona, ao convento de S. Giraldo. Os monges apresentaram-lhe o prodigioso mancebo; o conde ficou maravilha-

do, e concebeu por Gerberto tão viva amizade, que lhe propoz levar-o para a península hespanhola, então sob o dominio dos mouros. Gerberto, com o assentimento dos seus superiores, accitou a offerta do conde, que por meiado do anno 933 partiu para Hespanha. Os dous viajantes atravessaram os Pyreneos, e depois de alguns dias de viagem, entraram a famosa capital da Catalunha.

Tendo residido mais de um anno na opulenta Barcelona, então governada pelo margrave Seniofried, Gerberto separou-se do conde Borel para visitar Cordova, e iniciar-se na sabedoria dos arabes.

Cordova era então a Athenas do islamismo. Abderraman III ali residia habitualmente, e este principe, cujas riquezas eram immensas, protegia as sciencias e as artes: os homens que as faziam progredir podiam contar com os mais significativos testemunhos da sua munificencia.

Ensinava-se nas escolas de Cordova o *Trivium* e o *Quadrivium* de Alcuino.

O nosso mego e estudioso viajante viveu quatro annos na cidade mourisca, contrahindo n'esse tempo íntimas relações de amizade com os mais sabios professores da Andaluzia. Concorrendo assiduamente ás suas lições sentiu desenvolver-se-lhe um gosto decidido pela mechanica, que foi uma das glorias da sua vida.

(Continúa.)

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO I.

*De como eu me decidi a fazer uma viagem, por não ter em que empregar o tempo. O modo porque levei a effeito esta heroica resolução, e embarquei no Terreiro do Pego. — Chegada ao vapor. — A partida; o almoço. — Companheiros de viagem. — Um inglez que bebia vinho, para não enjoar. — Pasma em que fiquei por não ter saudades de Lisboa, e manciara porque principiei a fazer considerações sobre o estado actual da marinha portugueza, pensando como desalmado nos dominios da politica. — Recapitulação. — Cincoenta leguas a vapor em trinta e duas horas.*

ANOTECEU inteiramente; esperei que preparassem as luzes, e fiquei pasmado diante de outra miseria. Um pequeno candieiro de metal, suspenso á bragola da meia laranja, e cuja luz tenue e amortecida passava difficilmente atravez de um vidro opaco, eis a que se reduzia a illuminação da camara do vapor! Os objectos distinguiam-se apenas; por consequencia não pude lêr.

As oito horas serviu-se o chá; provei-o e pareceu-me detestavel, o que me fez suppôr, que se achava no navio desde a primeira viagem que este havia feito; ou antes, porque o tedio que eu sentia á vista de tantas miserias me tinha arruinado o paladar. De qualquer das fórmulas, dei graças a Deus pelo meu pouco appetite, e achei que seria uma fortuna para os futuros passageiros do vapor, que o meu estimavel inglez tivesse amor áquella bebida. Teria sido um meio infallivel de melhorar abordo a qualidade do chá; mas o sr. John comprazia-se em pertencer ao grande numero de individuos, que preferem um copo, do peor vinho que haja no mundo, á chaveira da mais aromatica tizana que pudesse inventar o gosto exquisito de um consummado pharmaceutico. Devorou innumeraveis bolaxas ensopadas em mantei-

ga, e tomando uns ares de penitente, estirou-se no seu colchão, aonde começou a rressonar com grande semcerimonia, e grave escandalo dos que o não podiam imitar.

O capitão, homem habituado a presenciar as variadas scenas de comedia, que se representam abordo de um navio que conduz passageiros, não levou a mal o comportamento descortez do seu illustre collega, e retirou-se.

Depois d'aquella refeição, que, exceptuando o honradissimo John, me pareceu mais de anachoretas do que de viajantes, trataram todos de dormir, e a camara ficou em silencio. Silencio?... foi um lapso de narrador! A agua batia no costado com violencia; o vento, lá fóra, assobiando pelos cabos, fazia chiir as caranguejas com um estrepito horriavelmente monotono; o estrondo das rodas, e o tremor que o seu movimento communicava ao vapor, atacavam desagradavelmente os nervos. Era um concerto diabolico. A tão estupenda harmonia, juntou-se o grito de um, o gemido de outro, e o vomito de um terceiro. Não era possivel conciliar o somno no meio d'aquelle inferno; e todavia, houveram desalmados que dormiram! mas juraria, que não eram creaturas de Deus; um d'elles foi mestre John.

Do lado de cima da minha cabeça principiei a ouvir um ruminar, como de rato a furar madeira, começando pouco depois a cair sobre mim uma especie de serradura que me encommodava. Olhei, e tive dó; era o pobre do abbade, que roia melancolicamente uma bolaxa! Dava gemidos como se estivesse moribundo, e com uma cara que parecia desenterrado!

— «Reverendissimo, tome cuidado com a minha cabeça!»

— «Ai!» resmungou o misero, «pobre de mim! Se escapar do enjoão, morro á fome, porque não posso comer!»

— «E se escapar da fome,» respondi eu no mesmo tom, «póde acabar ás mãos de algum eleitor furioso! Tenha conta consigo; olhe que na errada vida que leva agora, é muito perigoso o trilho! E demais, um homem revestido com as sagradas vestes do sacerdocio, encarregado da missão augusta de explicar a palavra de Deus, não se devia envolver nunca nas intrigas da politica.»

O reverendo tinha engulido os seus gemidos com os derradeiros fragmentos da bolaxa, e alongando o esguio pescoco, como se o movesse por uma rosca de arame, torceu-se á maneira das cobras, quando querem saltar, e descaído sobre o quadril esquerdo, ficou olhando para mim obliquamente.

Como eu não tinha somno, pareceu-me assás proveitoso moer aquelle pobre homem, e prosegui assim:

— «De que serve a politica? De escandalo quasi sempre; de aviltamento e ruina, muitas vezes. A's conspirações succede a revolta, o assassinato, a pilhagem e a anarchia, essa hydra devastadora que lança as sociedades no cahos, que apaga com sangue os principios generosos da philosophia e da razão, afastando a humanidade do caminho do progresso, e fazendo-a retrogradar brutalmente; condemnando o espirito, a intelligencia, o maior bem que Deus nos concedeu, a curvar-se diante da materia estúpida e vil que nos serve de involucro!»

Quando cheguei a este ponto, já eu mesmo, ainda que o desejasse, não podia parar. Acreditei que me tornava sublime de inspiração e de entusiasmo, e sentei-me no colchão, embrulhando-me no cobertor com a solemnidade que demandava a grandeza do acto.

— «Folheie a historia!» gritei eu aos ouvidos do infeliz, que recuou atterrado. «Folheie a historia, que é onde se bebe a verdadeira philosophia, e verá, desde Alexandre e Cezar, esses dous grandes capitães da antiguidade, até Frederico II e Napoleão, tambem os maiores generaes dos tempos modernos, verá quaes têm sido sempre os effeitos da politica. O desmembramento do vasto imperio do occidente, a dissolução do baixo-imperio, foram operadas lentamente pela politica, ora interna ora externa, mas sempre fatal; porque em vez de ser um elemento de ordem, tem sido sempre origem da desordem, e vehiculo da ambição, que se alimenta com ella, e que é, por assim dizer, a arteria da politica, porque vivem encarnadas uma na outra.»

O padre abria uns grandes olhos pasmados, e uma bôca propria para engolir de uma só vez o meu discurso, se eu lhe não regulasse as doses. Apoderou-se de mim um pensamento grandioso; tive a sublime intenção de converter o desgraçado á fé christã, que elle possuía em embrião; mas que não podia desencadear, pura como ella deve ser, das trévas do seu espirito.

— «V. s.<sup>a</sup> não vê que vac á beira de um abysmo?»

O abbade agarrou-se com as mãos ambas ao balaustre de bronze a que se encostava, e olhou em torno de si cheio de terror.

— «O arrependimento é agradável a Deus, e enobrece o homem; sacuda o pó das sandalhas, que tem pisado tantas vezes a terra da impiedade, e refugie-se no santuario onde o chama o seu dever e a sua missão. Sabe que é um grande crime o ser apostata; mas as portas do céu não se fecham ás almas purificadas das torpezas do mundo; é verdade que v. s.<sup>a</sup> trocou a pureza da sua religião pela peste revolucionaria; mas não perdeu ainda a graça de Deus, porque elle bem sabe, que v. s.<sup>a</sup> foi fascinado pela licença que se baptiza com o nome de liberdade, e impellido pela cegueira que se chama patriotismo. Soldado da Igreja, o seu lugar é dentro das portas do templo, para defender a entrada aos impios; a sua espada é a cruz, e a sua doutrina deve ser o Evangelho. Que tem a politica em si de grandioso, senão esses tremendos cataclismos, em que as paixões desenfreadas se precipitam em turbilhões, em que os filhos perdem os paes, os paes os filhos, as mulheres os maridos; em que a figura terrivel do aniquilamento caminha de venda nos olhos, demolindo para um e outro lado, e deixando após si um mar de sangue! Padre! se tivesse de apparecer no meio d'essas scenas de desolação seria para mandar sepultar os mortos, pedindo a Deus pelo descanso de suas almas; seria para tratar dos feridos, e consolar os afflictos que ficassem desamparados; mas v. s.<sup>a</sup> não vac lá; ou se vac, é com o coração fechado á caridade, estranho aos sagrados principios da humanidade e da religião, como um mercenario, como um homem a quem se paga para cumprir o seu dever. No meio d'esses desvarios que o arrastam a perder-se e a perder os outros, quaes são as suas aspirações, qual é a sua ambição, porque a deve ter, uma vez que deixa de ser apostolo da lei de Deus, para seguir esse dédalo de miserias da terra? Qual é o fim d'essa carreira de intrigas abjectas? O premio d'esses trabalhos inglorios pôde ser uma cadeira de deputado!... pôde, porque em Portugal a incapacidade é uma habilitação para os mais elevados cargos do estado; perdoe, mas eu estou ha muito tempo habituado a vêr distribuir prodigamente á ignorancia as honras e as grandezas, em quanto o verdadeiro merecimento se inutilisa, e a intelligen-

cia vive na obscuridade, e muitas vezes na desgraça. De resto, se v. s.<sup>a</sup> consegue que o façam deputado, que espera d'ahi? Vêr todos os dias uma duzia de jornaes vomitar veneno sobre as mais puras intenções, que v. s.<sup>a</sup> manifestar, parodiando as suas palavras, e impossibilitando-o de abrir a bôca, para não cair no ridiculo; perseguido pelas espirituosas ironias de algum collega deputado, isto é, escarneido na imprensa e na tribuna, inutilisado para tudo, e para sempre. *C'est un homme fini!* Mas veja bem que n'essa morte de martyrio não ha gloria nenhuma! Não é admiravelmente mais bello, esse outro quadro, que representa o sacerdote no pulpito, a explicar a palavra do Senhor, cercado de um auditorio que o escuta em religioso silencio, e cujo espirito cheio de unção se abraça com ás doutrinas puras e santas que ouve expender? Tome sentido nos dous caminhos que tem diante de si; de um lado está o amor da humanidade, o amor de Deus, a gloria, a esperança, e a regeneração do mundo; é o caminho do céu, e tem uma cruz por symbolo. Do outro lado está o orgulho, a vaidade, a ambição, o desprezo, a calumnia, o odio e todas as paixões más; é o caminho do inferno, representado por todos os desvarios da politica. D'aqui, é a humanidade que se salva, d'ali a humanidade que se perde: escolha.»

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

#### HOSPICIO DA PRINCEZA D. MARIA AMELIA.

Nos grandes e extraordinarios infortunios da vida humana o espirito algumas vezes reage, mais communmente elle se aniquila e humilha submisso e abatido; conhecer porém a desventura em toda a sua magnitude, em todas as suas amargas consequencias, em toda a impossibilidade de reparação; submeter-se christamente no meio da mais pungente e da mais justa dôr aos imprescritaveis decretos do Creador; resignar-se nas mãos da Providencia no momento em que ella parece mais cruel, multiplicando os actos da mais fervorosa caridade, estudando aquelles que melhor possam demonstrar uma heroica resignação, louvando assim o Eterno, com o coração ainda despedaçado de dôr, é de certo o que ha de mais sublime, de mais mysterioso na paciencia e humildade christãs.

Chamada para o céu a princeza D. Maria Amelia, no momento em que tão desejada era sobre a terra, em que ia apparecer no mundo o resultado prospero e bem succedido de uma educação cuidadosa e esmerada, pela qual sua extremosa mãe procurára desenvolver e fortalecer os dotes com que a natureza tão abundantemente enriquecêra o seu espirito distincto e elevado, sua magestade a imperatriz, que, desprendida já das grandezas do mundo, apenas vivia para concentrar todas as suas affeições em sua augusta filha, que era a metade da sua existencia, quiz deixar no Funchal um monumento de illustrada e insigne caridade, que ali perpetuasse a memoria d'esta angelica creatura, que parecia expressamente destinada para ter uma benefica e necessaria influencia sobre o paiz, que tivesse a fortuna de a possuir.

A augusta viuva do senhor D. Pedro IV, que com mão generosa e caritativa tantas lagrimas tem enxugado, a tantas affeições acudido, e socorrido tantos estabelecimentos pios, quiz que os beneficios

do clima suave e reparador da ilha da Madeira, podessem ser logrados tambem por aquelles, que, não sendo abastados, fossem victimas da terrivel enfermidade que tão cedo a deixára orfã dos carinhos e ternura do mais acrisolado amor filial.

A criação do hospicio da princeza D. Maria Amelia, testemunho o mais irrefragavel e significativo de amor maternal, aquelle que mais poderia agradecer á chorada princeza, e que de certo lhe ha de ter dado grande consolação no céu, é ainda a realisação de uma idéa de superior e esclarecida intelligencia.

Reunir um grande numero de factos, que possam servir á sciencia e á humanidade, estudar a influencia de diversos tratamentos na tísica pulmonar em um clima propicio, poder obter estatisticas circumstanciadas das condições hygienicas e outras causas, que maior acção tenham na producção de semelhantes molestias, dar guarida a um certo numero de pessoas desvalidas no meio das tribulações causadas por esta fatal enfermidade, eis tudo quanto foi comprehendido n'esta idéa fecunda, generosa e eminentemente philanthropica, eis tudo quanto a nação portugueza vae dever á real munificencia de sua magestade imperial a senhora duqueza de Bragança, para quem a caridade é exercicio quotidiano, a beneficencia unica distracção, e o melhor dos divertimentos. Que o digam todos os estabelecimentos pios de Portugal, o hospital de Runa, as casas de asylo da infancia desvalida, tantas familias necessitadas, soccorridas com aquelle segredo e delicadeza, que só um coração caritativo e verdadeiramente religioso pôde comprehender, e melhor empregar!

Os inglezes, essa nação tão illustrada, e que a tantos respeito nos poderiamos tomar por modelo, sobre tudo em obras de beneficencia, conhecendo o muito partido que se poderia tirar do clima d'aquella bella, quanto mal apreciada possessão portugueza, já por vezes tinham tentado a fundação, no Funchal, de um estabelecimento de sanidade, que servisse para o tratamento de doentes britannicos pobres, affectados de tísica pulmonar. Em 1849 uma instituição d'este genero foi com effeito annunciada pela imprensa, e estava a ponto de ser realisada por uma associação creada para esse fim, e presidida por lord Grosvenor, que tinha visto com tanto prazer os saltares effeitos do clima d'aquella terra em uma filha sua; quando diversos embarços, não previstos pela associação, vieram impedir até hoje a verificação de um semelhante pensamento, que se acha por ora retardado em sua execução, mas ainda não está comtudo completamente abandonado. Estava destinado porém que a realisação d'este philanthropico pensamento servisse de tornar porenne a saudade dos portuguezes pela augusta princeza, e apertar mais, se é possível, os vinculos da nossa gratidão para com sua desditosa mãe.

O hospicio da princeza D. Maria Amelia é destinado a receber vinte e quatro doentes, doze de cada sexo, affectados de tísica, ou outras molestias chronicas do pulmão: pessoas necessitadas e de vida honesta, habitantes da ilha, brasileiros, ou os que a sua augusta fundadora mandar de Portugal para ali serem tratados.

Não tendo sido possível ter logo um edificio apropriado, e em logar conveniente para um semelhante fim, sua magestade imperial mandou arrendar, provisoriamente, por cinco annos, uma excellente casa para que, devidamente guarnecida, podesse desde já começar a receber doentes. Este edificio, que não tem a construcção requerida para uma instituição d'esta ordem, é comtudo uma bella, espaçosa e agradável habitação, acabada de arranjar, ha pouco, com

elegancia, e com o mais escrupuloso aceio. Algumas salas são ornadas com mais luxo do que conviria a um estabelecimento d'esta natureza; mas assim mesmo é de justiça que se diga, que ellas não estão em desharmonia com tudo o mais que guarnece o hospicio, pois que toda a mobilia das enfermarias, as camas, utensilios, e mais objectos de serviço dos doentes e dos empregados, são do melhor gosto, boa construcção, e da mais airoza simplicidade, de modo que não repugnariam a qualquer pessoa abastada, por mais exigente que fosse. Tudo é novo, uniforme, e feito de proposito para o hospicio.

(Continúa.)

DR. F. J. DA CUNHA VIANNA.

PELO decreto de 27 de outubro de 1852, que começou a vigorar no 1.º de julho corrente, estatuiu-se (artigo 28.º) que os periodicos, de qualquer especie que fossem, pagariam o porte de 5 réis por cada folha de impressão, sendo previamente franqueados, ou o de 10 réis, não o sendo.

O *Panorama* está incluído na citada disposição da nova lei postal.

Aquelles dos nossos subscriptores pois, que quizerem receber d'ora em diante o *Panorama* franqueado, para gosarem do beneficio que a referida lei garante, devem enviar-nos a importancia correspondente aos numeros que restam por distribuir do presente anno, na razão de 5 réis por cada numero.

Os senhores que de futuro nos honrarem com as suas assignaturas, poderão, querendo, incluir no preço d'esta o porte respectivo; vindo em tal caso o preço do *Panorama* a ser, para as provincias; por anno ou 52 numeros, 1\$560 réis; por semestre, ou 26 numeros, 830 réis.

Todas as cartas que expedirmos do nosso escriptorio serão franqueadas, e por isso esperamos que as que nos enviarem tragam igualmente o sello, ou estampilha de franquia. A vantagem é reciproca.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, o tomo 2.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 440 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.